II ENEMI
Encontro Nacional de Educação Matemática Inclusiva
UESB/UESC - BA

Altas Habilidades/Superdotação: contribuições teórico-metodológicas

RC: Educação Matemática de pessoas com altas habilidades e transtornos funcionais específicos

Fabricia de Carvalho Paixão[1]
Leonardo Carvalho de Souza[2]

Neste artigo, analisou-se os aportes metodológicos utilizados em pesquisas que envolvem o tema Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD), a fim de categorizar tais pesquisas. Inicialmente indagamos quais são as discussões e contribuições teóricas e metodológicas de pesquisas que tratam sobre AH/SD. Para tanto, utilizamos a pesquisa bibliográfica e documental e como fonte de dados, trabalhos publicados na biblioteca eletrônica *Scielo*, no período de 2014 e 2018 que faziam menção ao tema das AH/SD. Foram identificados e analisados 17 artigos, dos quais 12 artigos utilizaram o estudo de caso e 5 são de pesquisa documental/bibliográfica. Entre os resultados destacam-se pesquisas que investigam sobre os saberes dos docentes/futuro docentes a respeito das AH/SD e do processo de identificação das AH/SD.

Palavras-chave: Educação Especial Inclusiva; Altas Habilidades; Superdotação; Revisão Bibliográfica.

Introdução

Por muito tempo, o público da educação especial no Brasil teve seus direitos negados ou secundarizados, contudo, nas últimas décadas essa realidade tem mudado e legislações como a Constituição Federal de 1988 e a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, lei n. 9.394 de 1996 legitimaram os diretos dessas pessoas, ao passo que a Educação Especial passou a ser modalidade de ensino da educação e direitos dos estudantes com necessidades educacionais especiais (BRASIL, 1996).

A Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDBN) prescreve em seu artigo 59 a conquista do Atendimento Educacional Especializado – AEE, na rede regular de ensino para o público com AH/SD. “Os sistemas de ensino assegurarão aos educandos com deficiência, transtornos globais do desenvolvimento e altas habilidades ou superdotação” currículos e métodos adequados, terminalidade específica, professores com especialização, educação especial para o trabalho e acesso igualitário (BRASIL, 1996, p. 40). Este público

[1]Centro Universitário Cidade Verde - UniFCV, fah-carvalho@hotmail.com
[2]Universidade Norte do Paraná - UNOPAR, carvalho_leo_@hotmail.com

é mencionado também nas Diretrizes Nacionais para a Educação Especial na Educação Básica e na Política Nacional da Educação Especial na Perspectiva da Educação Inclusiva.

Nesse sentido, esta pesquisa teve por objetivo analisar aspectos teóricos e metodológicos de artigos publicados em revistas nacionais indexadas a *Scientific Electronic Library Online - Scielo,* entre 2014 e 2018, que tratam sobre Altas Habilidades/Superdotação, a fim de compreender as contribuições para a identificação, acompanhamento, intervenções pedagógicas e políticas educacionais, relacionadas ao assunto.

Metodologia

Para alcançar o objetivo desta pesquisa, utilizou-se como fonte de dados os trabalhos publicados na biblioteca eletrônica *Scielo*, a qual abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. Pela busca realizada na base de dados de artigos, encontrou-se 17 artigos, publicados no período de 2014 e 2018, seguindo o critério de apresentarem o termo Altas Habilidades ou o termo Superdotação em seus títulos e que não fossem revisão de literatura sobre pesquisas que envolvem o tema.

Revisão Bibliográfica

Ramalho et al. (2014), tiveram como objetivo investigar as evidências de que há poucos conhecimentos por parte dos estudantes da Universidade Federal de Pelotas (UFPel), quando o assunto é AH/SD. Trata-se de um estudo de caso que contou com a participação de 94 alunos do curso de licenciatura em Matemática da Universidade. Os autores consideraram que no caso do grupo analisado há um elevado desconhecimento sobre o assunto AH/SD. Dentre algumas conclusões apresentadas destaca-se a seguinte: “observou-se que a maioria dos estudantes: nunca estudou o assunto; ignora a equivalência dos termos “superdotação” e

"altas habilidades" e "a maioria dos licenciandos concordou com a ideia de que os professores devem se preocupar e prover uma educação diferenciada para alunos superdotados" (RAMALHO et al., 2014, p. 246).

Cianca e Marquezine (2014) entrevistaram 14 docentes, coordenadores de colegiados, da Universidade Estadual de Londrina (UEL) a fim de mostrar como estes percebiam a área da AH/SD. A partir das entrevistas foi possível perceber que existe dissonâncias nas concepções dos docentes, "notou-se que a maioria dos participantes (57%) acreditava que os superdotados eram aqueles que possuíam habilidade acima de média em alguma área" (CIANCA; MARQUEZINE, 2014, p. 602). Constataram ainda que (35%) dos participantes consideram que o superdotado é alguém que aprende sozinho e esforçado, o que de acordo com Cianca e Marquezine (2014) é um equívoco, pois há aqueles que necessitam de orientação e que sejam expostos a desafios.

Rangni e Costa (2014) apresentam uma revisão histórica da exclusão de pessoas que apresentam algum tipo de deficiência. E enfatizam que "a possibilidade destes sujeitos mostrarem o potencial em outras áreas não prejudicadas pela limitação são exemplos de que áreas de domínio da capacidade humana são variadas" (RANGNI; COSTA, 2014, p. 195). Os autores chamam atenção também, que apesar de no ambiente escolar estes sujeitos estão contemplados nas políticas educacionais, mas com um atendimento em sala de aula comum que, muitas vezes, não possibilita o desenvolvimento e por vezes, esses sujeitos se isolam e não demonstram suas potencialidades por sofrerem preconceito até por parte de docentes.

Bahiense e Rossetti (2014), tiveram por objetivo analisar quais concepções sobre AH/SD evidenciavam-se nas compreensões de um grupo de professores do Ensino Fundamental II de uma escola da rede pública de Vitória - ES. Por meio de entrevistas e leitura de histórias a respeito de AH/SD que envolviam alguns mitos sobre o assunto foi possível identificar que esses professores: "demonstraram certa insegurança, quanto ao seu preparo para atuar com pessoas com necessidades especiais [...] possuem dificuldade em identificar o aluno com indícios de AH/SD" (BAHIENSE; ROSSETTI, 2014, p. 205).

Constataram que a maioria dos professores creem que a influência genética é um fator relevante, também acreditam que um aluno com AH/SD não necessariamente domina todos os conteúdos e que necessitam ter um atendimento especial.

Lopes e Gil (2016) abordam algumas características comuns às crianças com AH/SD presentes em deficientes visuais segundo identificação das próprias mães, devido à grande presença destas na vida de seus filhos, fator que segundo os autores contribui para a identificação das AH/SD. Foi proposto um questionário elaborado com base na Teoria dos Três Anéis (TTA) de Renzulli (1978): Habilidade acima da média, Criatividade e Envolvimento com tarefas, a fim de selecionar os que apresentassem maiores números de indicadores de AH/SD. Em seguida, foram selecionados nove filhos que apresentaram maior número de indicadores, para que seus pais participassem da aplicação dos subtestes do WISC III, o qual segundo os autores, foi adaptado para pessoas com deficiência visual por Nascimento (2004). A partir disto, Lopes e Gil (2016) constataram que as mães participantes da pesquisa selecionaram indicadores de AH/SD conforme a TTA, porém de acordo com os subtestes de WISK III estas crianças apresentavam categorias média e limítrofe.

O trabalho de Nakano et al. (2015) contou com a participação de 987 crianças e adolescentes, estudantes do Ensino Fundamental e Médio das regiões sudeste, nordeste e centro-oeste do Brasil. Estes sujeitos participaram de subtestes de inteligência. Por meio das análises foi possível constatar, por exemplo, que indivíduos com habilidade cognitiva elevada acertam itens mais difíceis dos subtestes de raciocínio, os indivíduos de habilidade criativa figural elevada se destacam nos subtestes de Fantasia e Perspectiva Incomum.

Martins e Chacon (2016) acompanharam um aluno do primeiro ano do Ensino Fundamental, o qual apresentava uma precocidade em leitura e escrita. Com o objetivo de verificar a presença de características de AH/SD nos seus comportamentos. Por meio de

em sala de aula e espaços escolares, constatou-se que o aluno apresentava 61 características de AH/SD. A partir das observações e evidências constatadas no caso, os autores enfatizam que crianças como Vinny (pseudônimo do aluno), merecem atenção especial a fim de que estas não percam o interesse pela escola, e que é relevante o estímulo, o processo de identificação a atendimento dos alunos com AH/SD.

Com um trabalho voltado ao uso de Tecnologias Digitais da Informação e Comunicação (TDIC), Pedro e Chacon (2017) descreveram comparativamente o uso das TDIC realizado por dois grupos de estudantes dos anos iniciais e finais do ensino fundamental, identificados como G1 e G2, o primeiro composto por estudantes precoces (aprendizagem) e superdotados, e o segundo por estudantes sem essas especificidades, mas com características paralelas (gênero, idade, ano escolar e condições de acesso às TDIC) em relação ao primeiro. Os autores elaboraram um Programa de Atividades Dirigidas, que foi aplicada de forma individual, observando como os estudantes interagiam com softwares e jogos e como buscam informações na internet. Os autores enfatizam que os estudantes que apresentam superdotação e fenômenos de precocidade demonstraram mais qualidades nas ações e interesse nas atividades realizadas. Estudantes que tiveram ações categorizadas como Tentativa e Erro podem executar ações Conscientes posteriormente, desde que haja orientação adequada e ambos perfis de alunos podem ampliar suas competências digitais.

O trabalho de Oliveira, Barbosa e Alencar (2017), relata a respeito da Teoria da Desintegração Positiva (TDP) publicada pela primeira vez no livro *Positive Desintegration* em 1964, de autoria de Kazimierz Dabrowski que se dedicou à Psiquiatria Infantil, sua teoria é assim nomeada pois “Na TDP o termo desintegração é utilizado porque a estrutura da personalidade existente tende a se desfazer. A desintegração é denominada positiva se contribui para o crescimento do indivíduo” (OLIVEIRA et al., 2017, p. 3).

O estudo de caso é considerado um método de coleta de dados adequado em investigações e descrição de sujeitos com desempenho extraordinário ou habilidade excepcional, de acordo com Alencar (2015). Por isso, a autora descreve em seu texto duas investigações com o método, pois “[...] dadas as suas implicações para o desenvolvimento

do potencial superior, uma vez que sinalizam um conjunto de condições que se relacionam com tal desenvolvimento" (ALENCAR, 2015, p. 428). A primeira descrição aborda a teoria da coincidência de Feldman, elaborada após uma investigação iniciada em 1975, com crianças prodígios, americanas, que se destacavam em diferentes áreas. O segundo estudo descrito refere-se à Teoria do Desenvolvimento Feminino proposta por Reis, que começou a investigar mulheres americanas superdotadas/talentosas no início de 1970, e por conseguinte após duas décadas de estudo, categorizou os fatores e características que considera instigadores para o desenvolvimento e presentes nestas mulheres.

Fleith (2016) em sua pesquisa comparou alunos superdotados com alunos não superdotados, frequentadores da 4ª série do Ensino Fundamental de escolas públicas da região Centro-Oeste. Utilizou como instrumento de coleta os questionários: "Escala sobre clima para a Criatividade em Sala de Aula, Escala de Avaliação da Motivação para Aprender de Alunos do Ensino Fundamental e a Escalas de Qualidade de Interação Familiar. Alguns destaques de resultados alcançados por Fleith (2016), são de que o clima de sala de aula para a criatividade é avaliado positivamente pelos dois grupos investigados, estudo com intuito de recompensa é evidência em maior parte pelos alunos não superdotados. Estudo por prazer na perspectiva dos autores, não há evidência significativa nos dados dos distintos sujeitos. No contexto familiar fatores negativos da escala: punição física e clima conjugal negativo, apresentam média menor nas respostas dos alunos superdotados.

Martins et al (2018) analisaram o currículo da formação de educadores e professores, do curso de Pedagogia, da Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" – UNESP (campus Marília) e do curso de licenciatura em Educação Básica, da Universidade do Minho – UMinho (campus Gualtar), com o objetivo de "verificar e descrever a presença de conteúdos relacionados às AH/SD nessas Universidades, assim como constatar a sua ausência" (MARTINS et al, 2018, p. 312). Os resultados alcançados após análise, evidenciaram que se cursado o curso de UMinho e Mestrado em Ensino, há presença da temática AH/SD entre os currículos destas formações. No curso da UNESP, apesar de na disciplina Currículo e Necessidades Educacionais Especiais, não mencionar o

termo AH/SD, considera-se que assunto é abordado. Além disso, há quatro disciplinas obrigatórias sobre Educação Especial/Inclusiva e um núcleo de estudos sobre Educação Especial, de participação opcional. Assim, considera-se que há fortes indícios de que o tema seja abordado (MARTINS et al., 2018).

Investigar potencial para AH/SD no contexto de rua, foi objeto de estudo da pesquisa realizada por Cardoso e Becker (2014), que teve como sujeitos quatro adolescentes participantes do Programa Criança Urgente. Os autores aplicaram a "Escala para Avaliação das Características Comportamentais de Habilidade Superiores", "Registro de Observação", "Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil" e "TAEC- Teste de Abreacción para Evaluar La Creatividad". Foi possível identificar características específicas como potencialidades para áreas linguísticas, musicais, interpessoais, artísticas (desenhos/trabalho manual).

Wechsler e Suarez (2016) investigaram 170 estudantes de Licenciatura (Pedagogia, Letras, História e Educação Artística) com a finalidade de "perceber se estes futuros professores teriam conhecimento e saberiam planejar estratégias de ensino para entender os talentos presentes em suas salas de aula" (WECHSLER; SUAREZ, 2016, p. 46). Um grupo razoável, 46% de estudantes, relatou que o curso não se referiu ao tema em momento algum e 85% consideram que a responsabilidade de identificar e desenvolver atividades para aluno com AH/SD é dever da escola, sendo que 24% dos estudantes consideram que é dever dos pais ofertar o atendimento aos alunos. Assim, enfatiza-se "A ausência de conhecimentos teóricos e práticos, assim como o questionamento da sua própria responsabilidade como ator principal neste cenário indica que a formação destes professores necessita de urgente revisão" (WECHSLER; SUAREZ, 2016, p. 55).

Com o intuito de investigar como as propostas político-pedagógicas são articuladas para um ensino que desenvolva melhor a ação do campo das AH/SD, Matos e Maciel (2016) analisaram as políticas educacionais do Brasil e Estados Unidos para o público deste campo. Os autores descrevem historicamente como essas políticas iniciaram e como estão atualmente em ambos países. Chama-se a atenção de que nos EUA já existia uma

política voltada ao assunto em 1900, já no Brasil iniciou-se uma política apenas na década de 1960. Outro destaque é que enquanto no Brasil, o Estado é responsável pelo atendimento aos alunos com AH/SD, nos EUA o estado financia, mas o atendimento é ofertado parcialmente pela iniciativa privada.

Salles e Alencar (2018) investigaram projetos de vida de 40 adolescentes com indícios de AH/SD que residiam na cidade de Vitória – ES, por meio do método clínico de Piaget e seguindo a perspectiva teórica de Renzulli (2004, 2005) que defende que a superdotação pode se manifestar em algumas circunstâncias e em outras não. A partir dos dados coletados foi possível que os autores categorizassem as respostas e justificativas em Autocentrado, Conectado, Autocentrado com a possibilidade de expansão de si, Sociedade desconectada dos artistas. O termo 'autocentrado' englobou, por exemplo, justificativas que mencionam aquisição de objetos materiais, bem-estar físico e/ou psicológico, interesse pelos estudos e formação acadêmica; Com relação a categoria Conectado foi identificado desejos de ajuda à sociedade e retribuição à família; Já a terceira categoria manifesta desejo por conhecimento cultural, pessoal e anseio de viver uma vida com sentido; E por fim a quarta categoria justificava contribuições por meio da arte e valorização desse tipo de talento (SALLES; ALENCAR, 2018).

O estudo desenvolvido por Mendonça et al. (2018) pretendeu confirmar o desempenho de 74 alunos do Ensino Fundamental I, indicados por seus professores por possuírem alto desempenho escolar ou outra habilidade, considerados então alunos com AH/SD. Para confirmar este desempenho foi aplicado uma avaliação por meio do instrumento denominado WISC-III. Os autores consideraram que este instrumento foi adequado na pesquisa, vista que além de confirmar a identificação de alunos com AH/SD, identificou outros alunos que necessitam de uma observação mais cautelosa. Assim, uma das contribuições desta pesquisa foi a criação da primeira sala de recurso multifuncionais para atender superdotados no estado de São Paulo.

Resultados Alcançados

Dentre os artigos analisados, identificou-se que todos possuem abordagem qualitativa. O procedimento de Estudo de Caso é o mais utilizado, presente em 12 pesquisas, dentre as quais há as pesquisas de Ramalho et al. (2014), Cianca e Marquezine (2014), Bahiense e Rossetti (2014), Wechsler e Suarez (2016) que buscaram *identificar a conhecimento de Docentes/Futuro Docentes*, sobre o tema AH/SD. Há as pesquisas voltadas para *identificar estudantes com AH/SD* Lopes e Gil (2016), Nakano et al. (2015), Martins e Chacon (2016), Cardoso e Becker (2014), Mendonça et al. (2018), sendo nesta última a identificação feita após a indicação do docente sobre o aluno com AH/SD. Destacamos aqui as pesquisas de Nakano et al. (2015) e Mendonça et al. (2018), pelos instrumentos utilizados. As pesquisas voltadas para *comparar o desempenho*, em atividades, de alunos com AH/SD e alunos que não apresentam AH/SD, realizadas por Pedro e Chacon (2017), a qual apresenta uma proposta de atividades para ser trabalhar após identificação, e a de Fleith (2016), que buscou identificar fatores externos que influenciam no desenvolvimento AH/SD. Por fim, neste grupo de estudo de caso, há o trabalho de Salles e Alencar (2018) que pretendia *identificar o objetivo de vida de sujeitos com AH/SD*. As outras 5 pesquisas que apresentam como procedimento o Documental/Bibliográfica foram de Rangni e Costa (2014), Oliveira, Barbosa e Alencar (2017), Alencar (2015). E os trabalhos de Martins et al (2018), análise de currículo de instituição educacional, Matos e Maciel (2016), que analisaram as políticas educacionais do Brasil e Estados Unidos.

Considerações Finais

Os resultados alcançados mostram que estudos sobre AH/SD estão voltados principalmente em identificar sujeitos com AH/SD, porém a partir da leitura dos artigos diagnostica-se que as pesquisas pouco enfatizam em relação às metodologias de como trabalhar com estes sujeitos no ambiente escolar após a identificação, seja na Educação Básica ou no Ensino Superior. Percebe-se também que a identificação destes sujeitos é geralmente é feita em adolescentes/jovens, não dando a mesma atenção ao público infantil. Os

estudos ressaltam que identificar sujeitos com AH/SD a partir da observação ou relato de familiares é apenas um passo inicial, e que esta confirmação necessita de mais testes.

Considera-se que é necessário identificar o que a comunidade (Pais/Professores), compreendem sobre o tema, e que se deve ofertar no ambiente escolar um trabalho reforçado para que mitos sejam superados, e que estes trabalhos não ocorram apenas quando se suspeita que um aluno possui AH/SD. Saber identificar os primeiros sinais de AH/SD é primordial para que a suspeita seja avaliada por meio de testes mais eficazes e posteriormente, oferte-se AEE coerente a cada estudante. Considera-se relevante a comunidade científica desenvolver mais pesquisas sobre a AH/SD nos currículos da formação de docentes, pois tais estudos dão base para melhorar as instituições de ensino, a formação de docentes e políticas públicas voltadas aos estudantes com AH/SD.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALENCAR, E. M. L. S. de. Contribuições de Estudos de Caso para o Avanço do Conhecimento sobre Superdotação. **Psicologia Escolar e Educacional**, v. 19, n. 3, p.427-434, dez. 2015. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0193830 > Acesso em set. 2020.

ANTIPOFF, C. A; CAMPOS, R. H. de F. Superdotação e seus mitos. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, SP. Volume 14, Número 2, p. 301-309, Jul/Dez, 2010.

BAHIENSE, T. R. S; ROSSETTI, C. B. Altas habilidades/superdotação no contexto escolar: percepções de professores e prática docente. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 2, p.195-208, jun. 2014. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382014000200004 > Acesso em set. 2020.

BOONE SALLES, A. M; MOULIN DE ALENCAR, H. Projetos de vida e moralidade em adolescentes com altas habilidades / superdotação. **Journal of Psychology**, Lima, v. 36, n.2, p. 491-524, 2018. Disponível em: < http://www.scielo.org.pe/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0254-92472018000200005&lng=es&nrm=iso >. Acesso em set. 2020.

BRANCO, A. P. S. C; TASSINARI, A. M.; CONTI, L. M. C; ALMEIDA, M. A. Breve histórico acerca das altas habilidades/superdotação: políticas e instrumentos para a identificação. **Educação**, Batatais, v. 7, n. 2, p. 23-41, jan./jun. 2017.

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. **Lei n. 9.394/96**, de 20 de dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: < http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L9394.htm >. Acesso em maio 2020.

CARDOSO, A. O. G; BECKER, M. A. D. Identificando adolescentes em situação de rua com potencial para altas habilidades/ superdotação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 4, p. 605-614, dez. 2014. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382014000400011>. Acesso em set. 2020.

CIANCA, F. S. C; MARQUEZINE, M. C. A percepção dos coordenadores de licenciaturas da UEL sobre altas habilidades/superdotação. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 4, p.591-604, dez. 2014. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382014000400010 >. Acesso em: set. 2020.

FLEITH, D. de S. Criatividade, Motivação para Aprender, Ambiente Familiar e Superdotação: Um Estudo Comparativo. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 32, n. p.1-9, 2016. Disponível em: <. http://dx.doi.org/10.1590/0102-3772e32ne211 >. Acesso em set. 2020.

LOPES, B. J. S; GIL, M. S. C. de A. Altas Habilidades/Superdotação Percebidas pelas Mães nos Seus Filhos com Deficiência Visual. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 2, p.203-220, jun. 2016. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382216000200005 > Acesso em set. 2020.

MARTINS, B. A; CHACON, M. C. M. Características de Altas Habilidades/Superdotação em Aluno Precoce: um Estudo de Caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 2, p.189-202, jun. 2016. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382216000200004 > Acesso em: set. 2020.

MARTINS, B. A; CHACON, M. C. M.; ALMEIDA, L. da S. Estudo Comparativo Luso-Brasileiro sobre a Formação Inicial de Professores em Altas Habilidades/Superdotação com Enfoque nos Conteúdos Curriculares. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 24, n. 3, p.309-326, set. 2018. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382418000300001 > Acesso em: set. 2020.

MATOS, Brenda Cavalcante; MACIEL, Carina Elisabeth. Políticas Educacionais do Brasil e Estados Unidos para o Atendimento de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação (AH/SD). **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 22, n. 2, p.175-188, jun. 2016. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382216000200003 >. Acesso em set. 2020.

MENDONÇA, L. D. *et al*. WISC-III: instrumento para confirmação de altas habilidades/superdotação. **Psicologia**: Ciência e Profissão, v. 38, n. 1, p. 50-62, mar. 2018. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/1982-3703001062017 >. Acesso em set. 2020.

NAKANO, T. de C. et al. Bateria para avaliação das altas habilidades/superdotação: análise dos itens via Teoria de Resposta ao Item. **Estudos de Psicologia (campinas)**, v. 32, n. 4, p.729-741, dez. 2015. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/0103-166x2015000400016 >. Acesso em set. 2020.

OLIVEIRA, J. C. de *et al*. Contribuições da Teoria da Desintegração Positiva para a Área de Superdotação. **Psicologia**: Teoria e Pesquisa, v. 33, p. 1-9, 2017. Trimestral. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/0102.3772e3332 >. Acesso em set. 2020.

PEDRO, K. M; CHACON, M. C. M. Competências Digitais e Superdotação: uma Análise Comparativa sobre a Utilização de Tecnologias. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 23, n. 4, p.517-530, dez. 2017. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382317000400004 >. Acesso em: set. 2020.

RAMALHO, J. V. de A. et al. A carência de formação sobre a superdotação nas licenciaturas da ufpel: um estudo de caso. **Revista Brasileira de Educação Especial**, v. 20, n. 2, p.235-248, jun. 2014. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/s1413-65382014000200007 >. Acesso em set. 2020.

RANGNI, R. de A; COSTA, M. da P. R. da. Altas habilidades/superdotação e deficiência: reflexões sobre o duplo estigma. **Educar em Revista**, n. 53, p.187-199, set. 2014. Disponível em: < http://dx.doi.org/10.1590/0104-4060.33859 >. Acesso em: set. 2020.